

**VOZES (DES)CONECTADAS: UMA ANÁLISE DO USO DOS RECURSOS
DE ENGAJAMENTO NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NO CANAL
NERDOLOGIA**

Rodrigo Costa dos Santos (PUC-RJ)
rodrigo.costa@aluno.puc-rio.br

RESUMO:

Com o objetivo de investigar o papel do posicionamento intersubjetivo na (co)construção discursiva de uma Comunidade no Youtube, realizei uma análise qualitativa-interpretativista da seção de comentários do vídeo "Fomos à Lua?" do canal Nerdologia utilizando o Sistema de Avaliatividade. Resultados sugerem que a comunidade é formada/mantida por interações em contração dialógica, chamando à formação das "bolhas" nas Redes Sociais Conectadas.

PALAVRAS-CHAVES: Linguagem e Interação; Linguística Sistêmico Funcional; Comunicação Mediada por Computador.

ABSTRACT:

In order to investigate the role of intersubjective positioning in the discursive (co) construction of a community on Youtube, I carried out a qualitative-interpretative analysis of the comment section of the video "Fomos à Lua?" from the Nerdologia channel using the Evaluation System. Results suggest that the community is formed / maintained by interactions in dialogic contraction, calling attention to the formation of "echo chambers" in Social Networks.

KEYWORDS: Language and Interaction, Systemic-Functional Linguistics; Computer Mediated Interaction

0. Introdução

As Redes Sociais Conectadas são uma realidade presente nas interações sociais cotidianas. Compreender a maneira como nos situamos nelas e a partir delas se torna cada vez mais importante à medida que desenvolvemos novas formas de integração e interação para nos adaptarmos a essa nova realidade. A Linguística Aplicada (doravante LA), por seu caráter multidisciplinar, se mostra relevante ao estudo da correlação entre os aspectos semióticos e socioculturais desse fenômeno.

No espírito da LA, o presente artigo objetiva investigar a (co)construção discursiva de uma Comunidade na Rede Social Conectada (MARTINO, 2015a) Youtube, especificamente a seção de comentários do vídeo “Fomos à Lua?” do canal Nerdologia (www.youtube.com/user/nerdologia/) de forma a gerar entendimentos sobre o posicionamento intersubjetivo nas práticas discursivas mediadas por computador.

Para tal, o trabalho se baseia em uma concepção sociosemiótica de linguagem (HALLIDAY, 2014; HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004)□, com o aporte da Linguística Sistêmico Funcional. Utilizo o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR; SOUZA; ALMEIDA, 2010)□ que tem como foco a análise da avaliação dos participantes em interação a partir dos subsistemas de Atitude, Engajamento e Gradação. Este trabalho é focado especificamente no Engajamento, ou seja, na maneira como participantes interagem com outras vozes e posições alternativas (MARTIN; WHITE, 2005).

A metodologia de pesquisa se alinha com o paradigma qualitativo-interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2005)□, caracterizado pelos estudos focados em análise interpretativa e com alto grau de importância dada ao contexto de interação. Dessa maneira, quando comparada à metodologia quantitativa, a qualitativa utiliza de maneira mais adequada os valores culturais e capacidade de reflexão do indivíduo. A partir dessa abordagem, faz-se as seguintes perguntas de pesquisa:

- Quais os recursos de Engajamento utilizados na interação?
- Como esses recursos afetam o posicionamento intersubjetivo?
- Qual a relação entre o Engajamento apresentado em interação com a formação/manutenção da Comunidade?

Por meio dessas perguntas de pesquisa, espero cumprir o objetivo do trabalho e contribuir à Linguística Aplicada por meio da melhor compreensão das interações sociais em ambientes conectados.

1. As Dinâmicas do Espaço Virtual

O cenário criado pela globalização tem causado diversas mudanças de paradigma nas comunicações e nas interações sociais. Por isso, autores como Kumaravadivelu (2006) têm trazido para o campo de estudo da Linguística o conceito de globalização em seus aspectos econômico e cultural e suas implicações para o fazer da LA na contemporaneidade. Porém, julgo ser útil à discussão compreender também como caracterizar o ciberespaço - esse novo ambiente no qual construímos significados - e a cibercultura, o conjunto de práticas que tornam possíveis essas interações sociais.

O termo ciberespaço aparece pela primeira vez no romance de William Gibson *Neuromancer* (1983) para descrever o espaço das redes digitais, um campo de relações sociais e culturais marcado pelos conflitos que emergem das novas fronteiras criadas por aquele espaço. Para Levy (2010, p. 94), foi na apropriação desse termo pelas diversas correntes artísticas e sociais que nos inserimos na “cibercultura”. O autor define, dessa forma, o ciberespaço:

como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônica [...], na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. (LÉVY, 2010, p. 94–95).

Uma vez digitalizados, os dados se tornam virtuais, ou seja, capazes de serem compartilhados e transformados no ciberespaço. Entretanto, o termo “virtual” não implica o oposto de “real”, como se não tivesse existência. Martino (2015b, p. 30) salienta que Lévy defende a ideia de que o “virtual” é parte integrante do real e não se opõe a ele:

No ciberespaço todas as informações e dados existem, mas não são acessados ao mesmo tempo. Estão lá, nas memórias de computadores e servidores. Existem como algo que pode ser, algo virtual, e vão se tornar um ato quando forem acessados e se transformarem em figuras, imagens, textos e sons na tela. Os dados do ciberespaço são todos virtuais até que se transformem naquilo que devem ser.

Assim, o espaço virtual ou ciberespaço deve ser entendido não como um espaço caracterizado pelo oposto ao real mas como oposto ao atual, em outras palavras, um espaço no qual a informação é algo que não está acontecendo neste momento. O mundo virtual, portanto, “existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que não seja real.” (MARTINO, 2015b, p. 31) Essa característica do ciberespaço traz à tona questões relativas à interação mediada pela linguagem que, anteriormente regulada pelos princípios que regem a mídia impressa (como a linearidade), se defronta com o hipertexto, modo de organização da linguagem na internet.

Hipertexto é definido por Xavier (2010, p. 208) como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade.” Ele é, portanto, um reflexo das relações criadas pelo ciberespaço ao realizar-se a partir das ligações (*hyperlinks*) em

páginas da internet, se organizando de forma a desafiar a linearidade característica dos textos da chamada *Old Media*.

Isso gera um desafio quanto ao modo que lemos na internet. O caráter não-linear faz com que tenhamos que repensar a forma como a leitura hipertextual transforma nossas relações e muda a dinâmica das relações interpessoais. Xavier (2010, p. 213) reforça que a inovação trazida pelo hipertexto “está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção.”. Em outras palavras, o princípio norteador da leitura desenvolvido desde a prensa de Gutemberg está em processo de mudança com a introdução do hipertexto. Em vez de várias páginas organizadas uma após a outra, como em um livro, temos todas as páginas disponíveis de uma vez, conectadas pelos *links*, como em uma *Home Page*. Assim, o ciberespaço introduz um novo modo de ler.

A leitura, por sua vez, afeta a maneira como construímos a realidade: o texto não linear cria uma nova relação com o tempo-espaço e com os textos que (re)produzimos em nossas práticas sociais. As redes sociais conectadas, como o Facebook e o Youtube são exemplos de como as maneiras que nos comunicamos estão mudando. O conceito de rede social, entretanto, não é novo nas ciências humanas e tem sido explorado há décadas.

2. Redes Sociais Conectadas

O termo redes sociais é atribuído a J. A. Barnes (1954) □ no seu estudo sobre a organização social da vila norueguesa de Bremnes. Em sua pesquisa, Barnes identificou inicialmente dois tipos de trabalho, cada um com seus campos sociais específicos com ritmos, tempos e relações sociais diferentes. Entretanto, entre esses dois grupos, o autor descobriu um terceiro campo social menos estável e com fronteiras menos definidas, que ele explica (1954, p. 43):

O terceiro campo social não tem unidades ou limites; não tem nenhuma organização coordenadora. É constituído pelos laços de amizade e conhecimento que todos os que crescem na sociedade de Bremnes em menor parte herdaram e em maior parte constroem para si mesmos. [...] Os elementos deste campo social não são fixos, pois novos laços estão sendo formados continuamente e conexões antigas são desfeitas ou colocadas 'na geladeira' indefinidamente.

Esse campo de ação social é criado e mantido pelos laços simbólicos que são desenvolvidos na vida cotidiana. A partir dele é possível compreender as características dos contatos estabelecidos pelos sujeitos em suas práticas sociais. Além disso, à medida que essas conexões aumentam, elas vão se tornando mais complexas. Isso faz com que a chance de encontrar conhecidos em comum se torne mais difícil, visto que cada membro de um determinado grupo pode ter conhecidos fora dessas comunidades, criando redes interconectadas de campos de ação social: as redes sociais.

Dessa forma, as redes sociais são caracterizadas pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes (MARTINO, 2015a) □. A dinâmica se refere aos vínculos criados entre os participantes poderem ser transformados a qualquer momento enquanto a flexibilidade se refere a forma de interação das redes sociais, que depende em grande parte da arquitetura da tecnologia utilizada em sua interação.

As redes sociais na internet são agrupamentos humanos caracterizados por sua flexibilidade e pela dinâmica nos vínculos estabelecidos entre seus membros. Suas conexões não são estabelecidas com base em valores compartilhados nem exigem conexões exclusivas entre seus participantes, diferentemente das instituições sociais como família ou religião.

Assim, nas redes sociais conectadas (ou *online*), as relações são fluídas enquanto os vínculos entre os participantes tendem a ser “rápidos, estabelecidos de acordo com a necessidade e desmanchados no instante seguinte.” (MARTINO, 2015a, p. 56) □. O que acontece, por exemplo, no mensageiro instantâneo *WhatsApp*, onde grupos são criados para cumprir ações sociais específicas (“Partiu bienal do livro”, “grupo do trabalho”, etc) com pessoas entrando e saindo dos grupos a todo instante.

Essas características permitem que as redes sociais *online* sejam meios de troca de informação, ideias e materiais, com um enorme potencial de gerar engajamento em questões políticas e culturais. No Youtube, participantes são envolvidos por seus gostos pessoais, compartilhando e interagindo com vídeos relacionados a seus interesses, como arte, política e ciências.

O canal Nerdologia é um exemplo desse tipo de relacionamento: um canal de divulgação científica focado em discutir questões relacionadas às ciências e tecnologia. Entretanto, é possível identificar diferentes grupos que pertencem à rede social Canal Nerdologia mas não se enquadram como membros da mesma comunidade.

O cerne do trabalho proposto aqui é a análise das relações que permeiam tais comunidades na internet por meio do Engajamento dos participantes. Na próxima seção, apresento a contribuição da Linguística Sistemico-Funcional para o presente trabalho.

3. Linguística Sistemico-Funcional

A Linguística Sistemico Funcional (doravante LSF), desenvolvida por Halliday (HALLIDAY, 1994)□□, oferece um arcabouço teórico e instrumental para a compreensão da interação social por seu foco na escolha paradigmática do falante. Ou seja, sentidos são linguisticamente (co)construídos não apenas pelos elementos que o usuário da língua utiliza, mas também pelos que escolhe não usar ao cumprir seus propósitos comunicativos na situação de interação. Essas escolhas são feitas dentro de um sistema instanciado nos níveis semântico (de produção de sentidos), lexicogramatical (do vocabulário e gramática) e da expressão (da grafologia e fonologia).

Para Eggins (2004)□, o linguístico e o extralinguístico possuem uma relação de mútua influência: assim como as estruturas linguísticas são afetadas pelo contexto, esse também é afetado pela estrutura da linguagem. Assim sendo, a compreensão do contexto contribui para o entendimento das escolhas lexicogramaticais.

Halliday e Hasan (1989)□ desenvolvem, a partir dos estudos de Malinowski, o conceito de contexto de situação para compreender a relação entre os níveis linguístico e extralinguístico da linguagem, que ele descreve por meio das variáveis campo, relações e modo. O campo é relacionado à atividade sendo realizada e ao propósito com o qual se está interagindo. As relações, por sua vez, se referem aos participantes e quais são os seus papéis sociais. Por fim, o modo se relaciona ao papel da linguagem (coesão e coerência) na comunicação.

Halliday (1994)□ liga essas categorias do contexto ao sistema linguístico, às metafunções ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional corresponde à representação da experiência, ou às ideias e suas interrelações expressas no enunciado. A metafunção interpessoal está ligada aos papéis sociais e demonstra a relação entre os falantes. Por último, a metafunção textual é responsável por salientar o canal de comunicação (oral, escrito, etc) além da coesão e da coerência do enunciado.

A partir dessa perspectiva, é possível entender a linguagem como um sistema complexo e multifuncional, no qual as instâncias semântica, lexicogramatical e expressiva do discurso se inter-relacionam na construção de sentidos na interação social.

Martin e Rose (2003)□ propõem que existem certos conjuntos de significados que servem a cada metafunção. Esses conjuntos são chamados sistemas discursivos (MARTIN; ROSE, 2003, p. 17-23). Dentre esses sistemas, o Sistema de Avaliatividade

descreve como utilizamos a linguagem para expressar nossas relações sociais, ou seja, expressarmos emoções, julgamentos e apreciações em contextos sociais.

Essas atitudes são analisadas por meio do Sistema de Avaliatividade (VIAN JR, 2009, 2012; VIAN JR; SOUZA; ALMEIDA, 2010) e dirigem-se a interpretar a avaliação que fazemos a partir de significados interpessoais que construímos na semântica do discurso. Esse sistema é organizado em três subsistemas: Atitude, Engajamento e Gradação. A Atitude mostra como o falante/escritor avalia os participantes envolvidos na interação de forma implícita ou explícita, através do afeto (avaliação expressa pela emoção), julgamento (avaliação moral e ética) e a apreciação (avaliação estética, geralmente expressa a objetos). O subsistema de Engajamento é utilizado para analisar a forma como a voz autoral se compromete com o que diz enquanto o subsistema de Gradação é utilizado em conjunção com os subsistemas anteriores modificando (por atenuação ou realce) os sentidos construídos naqueles subsistemas.

Martin e White (2005) apresentam as categorias de Engajamento e Gradação por uma perspectiva dialógica, focando nas contribuições de Bakhtin para a LSF. Os recursos utilizados nesse subsistema têm seu desenvolvimento orientado em efeitos retóricos. Com isso, seu foco é entender a estrutura de opiniões alternativas sobre as quais textos operam. A partir desta, é possível compreender as posturas adotadas por falantes/escritores quanto a valores e participantes sendo referenciados em textos. O Engajamento se divide em quatro significados básicos: Refutar, Ratificar, Entreter e Atribuir (VIAN JR; SOUZA; ALMEIDA, 2010).

Refutar acontece quando a voz textual se posiciona de forma a rejeitar alguma posição contrária. Ela pode se realizar por negação ou contra-ataque. Ratificar é representar uma posição como altamente confiável, invalidando posições alternativas, podendo se realizar por concordância, pronunciamento ou endorso. Entreter significa apresentar alguma proposição como baseada no seu próprio posicionamento subjetivo, abrindo alternativas. Se realiza, geralmente, por meio de processos específicos de modalização (parecer, sugerir, etc). Atribuir é apresentar a proposição com base em voz externa, também como uma alternativa. É realizada por reconhecimento ou distância, através da projeção (discurso indireto) (VIAN JR; SOUZA; ALMEIDA, 2010; TAVARES, 2014)

Esses recursos são utilizados por falantes/escritores em textos monoglóssicos e heteroglóssicos. Estes caracterizados pelo não reconhecimento de alternativas dialogísticas e aqueles pelo reconhecimento de tais alternativas. Em textos heteroglóssicos, o reconhecimento de alternativas por ser feito a partir de contração e

expansão dialógica. Ao utilizar recursos de contração dialógica, o produtor textual assume uma posição em desacordo ou em rejeição a uma posição contrária. Isso equivale a dizer que tais formulações desafiam, evitam ou até mesmo restringem o escopo das posições e de vozes alternativas. Ao realizar uma expansão dialógica, o produtor textual faz com que a proposição contida em sua voz seja apenas uma das diferentes possibilidades de posições que pode assumir, propiciando, desse modo, a abertura de posicionamentos alternativos, de aceitação ou rejeição.

É possível ver esses recursos em ação nas Redes Sociais Conectadas em estudos como o de Harju (2014), no qual o Sistema de Avaliatividade é usado para estudar a Atitude direcionada ao conteúdo ideacional como forma de Alinhamento Atitudinal (Atitudes positivas são usadas como forma de criar um senso de pertencimento ao serem expressadas como fatos, por exemplo). Por outro lado, existem também atitudes negativas (como julgamento de estima social negativa) sendo direcionadas a participantes ideacionais. Esses enunciados são feitos como forma de crítica social, com o objetivo de ridicularizar o alvo das atitudes positivas. Harju, conclui que o anonimato contribui tanto para a formação de identidades que reforçam um senso de pertencimento e solidariedade quanto para hostilidade. Isso acontece através de emoções não comumente expressas na esfera pública.

Esse modelo de análise possibilita um olhar mais complexo sobre o fenômeno das Redes Sociais Conectadas, permitindo compreender de forma mais ampla os sentidos que são negociados na interação no contexto diferenciado da comunicação mediada por computador. Na próxima seção, discuto a metodologia adotada para análise neste contexto.

4. Aspectos Metodológicos

Buscando cumprir os objetivos traçados para o presente trabalho, a metodologia de pesquisa se insere no paradigma qualitativo interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2005) □. A pesquisa qualitativa é característica de estudos exploratórios focados em compreender fenômenos de forma contextualizada e, portanto, utiliza os valores culturais e capacidade de reflexão do indivíduo. A metodologia qualitativa se diferencia da pesquisa quantitativa por não desconsiderar as relações entre a interpretação e as conclusões da pesquisa.

A adoção de um método de pesquisa focado em analisar o contexto da interação contribui para o entendimento da internet (e de sua relação com os espaços sociais *offline*) por seu caráter complexo como meio de comunicação, rede de comunicação

global e cena de construção social. (MARKHAM, 2004) □. A internet, como qualquer outro meio de comunicação, é capaz de dar forma à realidade (social): ela enquadra a experiência, limitando e permitindo o processo de construção de sentidos. Como explica MARKHAM (2004, p. 113) □:

Tecnologias de internet permitem pesquisadores qualitativos estudar o processo de construção social de forma ativa. Por ser capaz de restringir, ocultar e minimizar os produtos visíveis de interação (leia-se: corpos, roupas, sotaques, maneirismos e estruturas sociais de base geográfica), a internet permite foco especificamente nos blocos de construção da cultura em seu nível básico de interação.

Contudo, essa capacidade da internet tem seu preço: a facilidade em fazer um “recorte” da experiência traz consigo a dificuldade em estabelecer um contexto, não só para a interação estudada mas para a análise dos dados. Visto isso, para fins desse projeto trabalharei com a crença de que o vídeo do Youtube no canal Nerdologia cuja seção de comentários analiso aqui estabelece o contexto¹. Os dados analisados consistem da seção de comentários ao vídeo do Youtube “Fomos à Lua?” postado no canal Nerdologia sob a temática “Social” e têm gráficos criados pelo Estúdio 42.²

A plataforma de vídeos digitais Youtube, enquanto objeto de estudo, tem mobilizado os campos de Comunicações, Jornalismo e Estudos de Mídia grandemente por seu caráter transformador na comunicação humana (SNELSON, 2011) □. Esta, como Rede Social Conectada, criou um espaço de compartilhamento de informação e autoria colaborativa onde usuários podem se manifestar individualmente.

Os dados foram gerados a partir da seção de comentários do vídeo *Fomos à Lua?*, do canal Nerdologia. Nerdologia apresenta conteúdo de divulgação científica com um caráter lúdico, com a proposta de relacionar o conhecimento científico à cultura nerd. Criado em 2011 como um segmento do NerdOffice do Jovem Nerd³. O quadro foi reformulado em 2013 para ser apresentado por um pesquisador, Átila Iamarino, e com gráficos profissionais (REALE; MARTYNIUK, 2016).

5. Análise de Dados

¹ Contexto aqui é definido a partir da LSF, como descrito na seção 3.1

² <http://www.estudio42.com.br/sobre/>

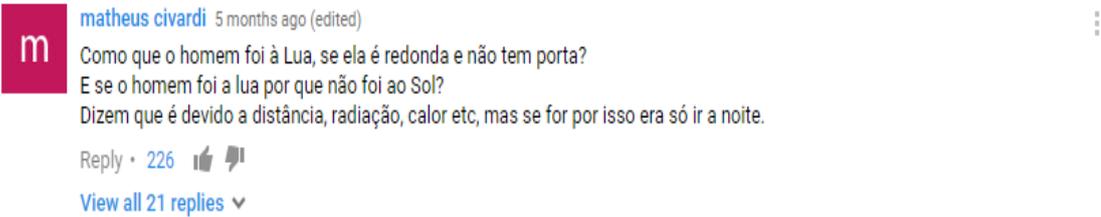
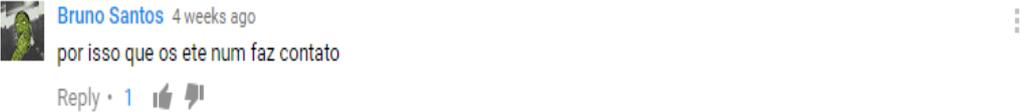
³ Portal de humor e notícias relacionados à cultura pop criado em 2002. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/> acessado em 5/6/2017.

HARJU (2014, p. 52) sugere cinco passos comuns na construção do diálogo online: A criação de um Ethos por meios multimodais (o vídeo), Alinhamento Atitudinal por parte dos fãs, o Contra Ataque Ideológico por parte dos não-fãs, a Defesa da Comunidade e, por último, o Reforço do Senso de Identidade, formando a Comunidade.

Sendo meu foco nesse trabalho as categorias de Engajamento, que aparecem mais claramente no Contra-ataque dos não-fãs e na defesa da Comunidade, analisarei mais a fundo exemplos desses dois momentos. Entretanto, cabe mencionar os momentos Criação do Ethos e de Alinhamento Atitudinal de forma a melhor contextualizar a análise.

O vídeo apresentado defende a ida do homem à lua e tenta explicar porque existem pessoas que não acreditam no evento com base em pesquisas da área de psicologia social. Átila apresenta os argumentos a favor da viagem a lua, sempre citando livros que corroboram com sua posição, criando uma fala heteroglóssica em movimento de contração dialógica, marcado pelo uso da Ratificação. Em seguida, com tom irônico, Refuta os argumentos contra, também por meio de fala heteroglóssica em contração dialógica. A isso, se segue a explicação sobre como as emoções afetam o julgamento em contextos sociais.

O Alinhamento Atitudinal acontece por meio do uso da ironia e do sarcasmo, da mesma forma que o vídeo Ratifica os argumentos a favor da ida do homem à lua. Piadas que vão de sugestões de temas como “O Acre existe?” até comentários irônicos direcionados a leitores não-alinhados com os produtores do vídeo, como visto no excerto abaixo:

Excerto 1: Alinhamento Atitudinal	
1	 <p>matheus civardi 5 months ago (edited)</p> <p>Como que o homem foi à Lua, se ela é redonda e não tem porta? E se o homem foi a lua por que não foi ao Sol? Dizem que é devido a distância, radiação, calor etc, mas se for por isso era só ir a noite.</p> <p>Reply · 226</p> <p>View all 21 replies</p>
1.1	 <p>gildo sawazaki 1 month ago</p> <p>kkkkkkkkkk</p> <p>Reply · 1</p>
1.2	 <p>Bruno Santos 4 weeks ago</p> <p>por isso que os ete num faz contato</p> <p>Reply · 1</p>
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=r_qwxl-4Cow . Acesso: 18/6/2017	

Uma vez estabelecido o alinhamento dos fãs, não-fãs (no caso, conspiracionistas) vão contra-atacar. Seu discurso, heteroglóssico e em contração dialógica, Ratifica seus argumentos apresentados com vozes vindas não de bibliografia, mas dos fatos que defendem com base em sua descrença no governo. Esse conflito pode ser visto no Excerto 2:

Excerto 2: Contra Ataque Ideológico	
2	 Boliveira 5 months ago Se vc viu esse vídeo e ainda não acredita, meu amigo você precisa de ajuda Reply · 133   Hide replies ^
2.1	 xDGuilherme 5 months ago O nome disso se chama: "ORGULHO de não querer admitir que está errado." É uma coisa normal do ser humano. Reply · 37  
2.2	 Saimon Kindlein 5 months ago Dissonância cognitiva, esse é o nome! Reply · 12  
2.3	 Victor Wagner 4 months ago Mano, o próprio Stanley Kubrick concedeu uma entrevista confessando sua participação em toda a farsa do pouso lunar. Pedeu que ela só fosse divulgada após 15 anos da sua morte Reply · 4  
2.4	 Victor Wagner 4 months ago Agora, me responda pq ele mentiria e ainda falaria para revelar só após a tua morte? Reply · 2  
2.5	 Victor Wagner 4 months ago mcq: ainn, mais a sionista da NASA tem pedra lunáticas e qualquer um que tente questionar isso é um idiota,, Reply · 1  
2.6	 xDGuilherme 4 months ago Quero a fonte da onde você tirou essa informação. E também quero a suposta entrevista dele, já que ele morreu em 1999 e já passou de 15 anos. Reply · 18   3 months ago Parece que o amiguinho Victor vai ter que explicar suas conspirações para o psiquiatra. Reply · 7  
2.7	

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=r_qwxi-4Cow. Acesso: 18/6/2017

Aqui, o discurso é marcado pelo uso da prosódia, fazendo o Engajamento mais implícito. O uso dos termos “meu amigo”, “Mano” e “amiguinho Victor” pelos usuários Boliveira (comentário 2), Victor Wagner (comentário 2.3) e XDGuilherme (comentário 2.6), respectivamente podem ser vistos como formas de Refutação e Ratificação prosodicamente marcados em seus posicionamentos.

Boliveira (Excerto 2: comentário 2) se alinha com o posicionamento de “Fomos à Lua?” por meio da Refutação apresentada em “Se você viu esse vídeo e ainda não

acredita, meu amigo você precisa de ajuda.” Em “ainda não acredita”, o uso do “ainda” sugere Contraposição ao posicionamento diferente, visto que restringe o desalinhamento, tratando a descrença no posicionamento do vídeo como contraexpectativa. Em outras palavras, acreditar no que vídeo diz é tratado como uma obviedade, invalidando qualquer opinião contrária e restringindo outras vozes. Porém, o que chama atenção nesse primeiro comentário, mais do que seu posicionamento, é o fato dele se tornar um “gatilho” do conflito ideológico que se desenvolve posteriormente.

O Contra Ataque Ideológico é iniciado pelo usuário Victor Wagner (comentário 2.4), que usa Refutação ao apoiar a conspiração por trás da ida do homem à lua. Victor apresenta implicitamente sua Negação ao posicionamento apresentado por meio da interjeição “Mano” em seu primeiro comentário, seguido de Ratificação marcada por Endosso ao posicionamento conspiracionista por meio da voz de Stanley Kubrick, que “concedeu uma entrevista confessando sua participação em toda a farsa do pouso lunar”. A escolha de trazer a voz de Kubrick pode ser interpretada como Endosso pela contração dialógica apresentada por meio da escolha do processo “confessar” e do item lexical “farsa”, que negam a possibilidade de alternativa à conspiração.

Victor prossegue sua Refutação em seu próximo comentário (comentário 2.5), apresentando seu posicionamento na forma de uma pergunta sugestiva: “Agora, me responda porque ele mentiria e ainda falaria para revelar só após a tua morte?”. A utilização de “Agora”, sugere o caráter retórico/sugestivo da pergunta, como a resposta sendo uma conclusão óbvia com base em seu último comentário. A isso, Victor segue com um comentário (comentário 2.6) no qual, com tom de ironia, prevê uma resposta não embasada à sua pergunta. O tom irônico é sugerido pela sigla mcq (minha cara quando⁴) no início do comentário e da prosódia marcada pela expressão “ainnn”, que sugere um tom de deboche no tratamento do deste comentário projetado. A Defesa da Comunidade acontece logo em seguida, por parte do usuário XDGuilherme.

Em seu comentário (comentário 2.7), XDGuilherme exige fontes para as afirmações feitas por Victor, se utilizando do Recurso de Refutação com base na falta de evidências. XDGuilherme usa Negação explicitamente ao exigir a “suposta entrevista dele”, duvidando da existência de qualquer fonte ou informação sobre a mesma. Implicitamente, ele Endossa o posicionamento defendido pelo canal Nerdologia em relação à investigação científica baseada em evidência. No vídeo, o canal Nerdologia chama várias vozes ao seu discurso para embasar seu posicionamento quanto ao tópico, o que estabelece a Comunidade ao se posicionar contra as Teorias da Conspiração.

⁴ <http://www.dicionarioinformal.com.br/mcq/>

Nesse ponto, os dados aqui apresentados se diferem dos resultados apresentados por Harju: em seu estudo, Harju sugere que a comunidade é formada no quinto passo, quando a mesma é defendida pelos fãs contra os não-fãs (HARJU, 2014, p. 52)□. Os dados aqui apresentados sugerem, entretanto, que a Comunidade se forma no momento em que o vídeo se posiciona, sendo então mantida na negociação de significados entre fãs e não-fãs. É possível que isso aconteça pelo fato da Comunidade já ter sido estabelecida em vídeos anteriores, visto que o canal começou com vídeos relacionados a temática Nerd, mas rapidamente expandiu seu escopo para tratar de assuntos relacionados à ciência em geral.

6. Conclusão

Neste trabalho objetivou-se gerar entendimentos sobre a formação e manutenção de Comunidades em Redes Sociais Conectadas por meio da análise dos Recursos de Engajamento na seção de comentários do canal do Youtube Nerdologia. Para tal, foi conduzido estudo de natureza qualitativa interpretativista na qual foram analisadas as interações entre usuários defendendo posicionamentos mediados pelo vídeo “Fomos a Lua?”.

Resultados sugerem que a comunidade é formada/mantida com base em diálogos heteroglóssicos porém contraídos, ou seja, usuários se utilizam de vozes de terceiros para negar ou refutar o posicionamento do outro, sem abertura para um posicionamento alternativo. Isso chama atenção à formação das chamadas “bolhas”⁵ e à questão da polarização ideológica na internet.

Usuários conectados pela rede mundial de computadores demonstram propensão à se alinharem com posicionamentos com os quais já concordam, o chamado viés de confirmação, que por sua vez, faz com que pessoas com o mesmo viés formem as “bolhas”(BESSI et al., 2016)□. Os resultados aqui apresentados sugerem uma correlação entre a maneira como os usuários avaliam suas experiências na internet com a formação dessas bolhas. Estudos futuros possibilitariam a investigação desse fenômeno a fim de gerar entendimentos sobre tal correlação.

7. Referências Bibliográficas

5

Grupos polarizados que compartilham o mesmo ponto de vista; *echo chambers*

- BARNES, J. A. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. **Human Relations**, v. 7, n. 1, p. 39–58, 1954.
- BESSI, A. et al. Users polarization on Facebook and Youtube. **PLoS ONE**, v. 11, n. 8, p. 1–25, 2016.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. London: Sage Publications, 2005.
- EGGINS, S. An overview of systemic functional linguistics. In: **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. New York: Continuum, 2004.
- GIBSON, W. Neuromancer. In: **Neuromancer**. 1983
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th. ed. London and New York: Routledge, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Language, context and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective. **Language education**, p. 126, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. . An Introduction to Functional Grammar. **An introduction to functional grammar**, p. 700, 2004.
- HARJU, A. IMAGINED COMMUNITY AND AFFECTIVE ALIGNMENT IN STEVE JOBS MEMORIAL TRIBUTES ON YOUTUBE. p. 40–55, 2014.
- KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da Globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Ed.). . **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 129–148.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 3ª Edição ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MARKHAM, A. Internet communication as a tool for qualitative research. In: SILVERMAN, D. (Ed.). . **Qualitative research: Theory, method and practice**. 2. ed. London: Sage Publications, 2004.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with Discourse**. London: Routledge, 2003
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. The Language of Evaluation: The Appraisal Framework. **Lecture Notes in Computer Science**, p. 256, 2005.
- MARTINO, L. M. S. Redes Sociais. In: **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015a. p. 291.
- MARTINO, L. M. S. Cibercultura, tecnologia e inteligência: Pierre Lévy. In: **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015b. p. 27–33.
- REALE, M. V.; MARTYNIUK, V. L. **Divulgação Científica no Youtube: a construção de sentido de pesquisadores nerds comunicando ciência**. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP. **Anais...2016**

SNELSON, C. YouTube across the Disciplines : A Review of the Literature. **Journal of Online Learning and Teaching**, v. 7, n. 1, p. 159–169, 2011.

VIAN JR, O. O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE E OS RECURSOS PARA GRADAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E DE INSTANCIAÇÃO. **D.E.L.T.A.**, v. 2009, n. 1, p. 99–129, 2009.

VIAN JR, O. Avaliatividade, engajamento e valoração. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 28, n. 1, p. 105–128, 2012.

VIAN JR, O.; SOUZA, A.; ALMEIDA, F. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

XAVIER, A. C. Leitura, Texto e Hipertexto. In: **Hipertexto e gêneros textuais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207–220.